



Clínicas dos pacientes em um ambulatório de Pneumologia Pediátrica em Pelotas, Rio Grande do Sul (RS).

Geórgia Urnau Cerutti; Júlia Marin dos Santos; Luma Homem de Jesus; Marina Martins Frühauf;
Priscila Dalla Coletta Maccari; Sandi Paiz; Alice Beatriz Lin Goulart; Marcos Vinícios Razera.

Universidade Católica de Pelotas (UCPEL)
georgia.cerutti@sou.ucpel.edu.br - (54)999284018

INTRODUÇÃO

Sintomas respiratórios são comuns na infância e representam importante causa de morbidade. A identificação precoce e precisa desses sinais é fundamental para um manejo clínico adequado, contribuindo para a redução de complicações e melhoria dos desfechos em saúde infantil.

OBJETIVO

Avaliar a incidência de sintomas apresentados pelos pacientes atendidos em um ambulatório de pneumologia pediátrica em 2024.

MÉTODOS

Estudo observacional descritivo de dados de prontuários médicos de pacientes atendidos em um ambulatório de pneumologia pediátrica no ano de 2024 no Rio Grande do Sul. Trabalho vinculado a projeto aprovado pelo Comitê de Ética sob número CAAE 71369023.4.0000.5339.

RESULTADOS

Foram avaliados um total de 115 pacientes, dos quais 75 (65,2%) tiveram registros sobre os sintomas relatados em consulta. Destes, 52 (69,3%) apresentaram a tosse como sintoma mais prevalente, seguido de falta de ar, representando 33 (44%) pacientes. Após, sibilos ou chiado com registro de 29 (38,7%). O restante, 24 (32%) apresentaram outros sintomas, dentre eles 12 (50%) com congestão nasal, 9 (37,5%) com rinorreia e 3 (12,5%) demonstraram esforço respiratório e febre. Dor no peito foi referida por 2 pacientes (2,7%).

CONCLUSÃO

O sintoma mais relatado nesta análise foi a tosse, sucedido por falta de ar, sibilos ou chiado no peito. O principal perfil dos pacientes atendidos nesse referido ambulatório são asmáticos, seguidos de sibilantes recorrentes, condizentes com os sintomas mais prevalentes. A identificação destes, é necessária para diagnóstico precoce e manejo clínico adequado, além de fornecer subsídios para aprimorar protocolos de atendimento e embasar políticas públicas voltadas à saúde infantil. Outrossim, estimular novas pesquisas que aprofundem a investigação destes sintomas, como neste caso que 40 (34,8%) não tiveram registros na análise, para assim relacioná-los com as doenças respiratórias mais prevalentes na infância, visando reduzir a morbidade e melhorar a qualidade de vida das crianças acometidas.